

**UM (A) ANÁLISE DO SER MULHER: ASPECTOS SOCIAIS E PSICOLÓGICOS  
NOS CONTOS AMOR DE CLARICE LISPECTOR E ANA DAVENGA DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO**

***AN ANALYSIS OF BEING A WOMAN: SOCIAL AND PSYCHOLOGICAL ASPECTS IN  
THE SHORT STORIES LOVE BY CLARICE LISPECTOR AND ANA DAVENGA BY  
CONCEIÇÃO EVARISTO***

Allison Marcos Leão da Silva (UEA)<sup>1</sup>  
Maria Vitória Lacerda Venâncio (UEA)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Espera-se da mulher moderna um ser doce, acometido e repreendido as quatro paredes do lar, suas ambições são reduzidas as ações tomadas no interior da casa, girando em torno do marido e dos filhos. É a partir desses pontos iniciais que indagaremos nesse estudo a representação feminina que está situada nos dois contos que analisaremos neste trabalho: Ana Davenga e Amor das escritoras Conceição Evaristo e Clarice Lispector. No primeiro momento, iremos contextualizar as duas autoras e em seguida, destacaremos sobre como se observa a constituição do ser mulher que ora as entrelaçam e ora distanciam as personagens. Mulheres que estão inseridas em condições sociais, econômicas e ambientais diferentes e que ao mesmo tempo estão em situações de opressão de uma sociedade patriarcal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura afrofeminina. Feminino. Gênero. Clarice Lispector. Conceição Evaristo.

**ABSTRACT:** The modern woman is expected to be a sweet being, affected and scolded the four walls of the home, her ambitions are reduced to actions taken inside the house, revolving around her husband and children. It is from these initial points that we will investigate in this study the female representation that is situated in the two short stories that we will analyze in this work: Ana Davenga and Amor by the writers Conceição Evaristo and Clarice Lispector. In the first moment, I will contextualize the two authors and then, I will highlight how the constitution of being a woman is observed, which sometimes intertwines them and sometimes distances the characters. Women who are inserted in different social, economic and environmental conditions and who, at the same time, are in situations of oppression in a patriarchal society.

**KEYWORDS:** Afrofeminine Literature. Female. Genre. Clarice Lispector. Conceição Evaristo.

## **INTRODUÇÃO**

A cultura ou senso comum patriarcal promove dicotomias baseadas na distinção dos gêneros masculino e feminino, indicando pares de qualidades ou características: público/privado, produtor/reprodutor, razão/emoção, sujeito/objeto e associou as primeiras dos

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras: Estudos Literários - Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008). É professor Associado da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), atuando no curso de graduação em Letras. Co-lídero do Grupo de Pesquisas em Memória Artística e Cultural do Amazonas (MemoCult). E-mail: [allisonleao@uea.edu.br](mailto:allisonleao@uea.edu.br) <https://orcid.org/0000-0001-8034-488X>

<sup>2</sup> Acadêmica da pós-graduação em Letras e Artes, pela Universidade Federal do Amazonas (2021). Bolsista Fapeam (2021). E-mail: [mvlacerda47@gmail.com](mailto:mvlacerda47@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0002-2486-9427>

pares ao gênero masculino e as segundas ao feminino, ao mesmo tempo em que as hierarquizou, qualificando as primeiras de modo superior às últimas.

É certo que a expressão “patriarcado”, muito usada no feminismo, causa estranhamento. Certo também que a evolução e os avanços sociais têm nos colocado em condições muito melhores que as do passado, mas não nos impede de criticar este modelo hegemônico. Especialmente quando se percebe que o patriarcado nos deixou um critério que permeia nosso modo de pensar e até nosso modo de viver.

Historicamente, o movimento feminista organizado foi marcado por conquistas inegáveis em direção a relações de gênero mais igualitárias. À medida em que o movimento se estruturava, as diferenças de tratamento entre os homens e mulheres na sociedade tornavam-se mais gritantes. Dentre as principais ofensas aos direitos das mulheres merecem destaque a negação aos direitos políticos, a dupla jornada de trabalho feminino, o injustificável salário desigual, a voraz exploração do trabalho assalariado feminino, o desprestígio das tarefas domésticas e a precariedade das leis de proteção à maternidade

O cânone literário se regulava pela dominância do gênero masculino, diante disto a crítica feminista do início da década de 80 lançou questionamentos à hegemonia reguladora do campo literário, interrogando a exclusão das mulheres da literatura e a desvalorização da produção literária feminina. A formação do chamado cânone, até então, era fruto de discursos críticos e instituições que sustentavam o monopólio cultural dos valores simbólicos, ocorridos dentro das condições sócio-históricas e das referências teórico-estéticos variáveis no contexto daquelas condições (JOB, 2015).

Como afirma Lúcia Osana Zolin (2009):

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo. (ZOLIN, 2009, p. 253).

É a partir desses pontos iniciais que indagaremos nesse estudo a representação feminina que está situada nos dois contos que analisaremos neste trabalho: Ana Davenga e Amor das escritoras Conceição Evaristo e Clarice Lispector. No primeiro momento, irei contextualizar as duas autoras e em seguida, destacarei sobre como se observa a constituição do ser mulher que ora as entrelaçam e ora distanciam as personagens. Confluindo, portanto, a relação indivíduo e sociedade.

## CLARICE LISPECTOR

O impacto de Clarice Lispector na literatura brasileira e suas narrativas contemplam personagens em representações complexas do ser humano, longe de paradigmas. Os personagens clariceanos debruçam-se sobre sua própria fragmentação, num movimento contínuo de autorreflexão, sendo esta sua condição radical de ser sujeito. Assim, este sujeito fragmentado, dividido, compreende sua humanidade como uma estabilidade garantida pelo esforço da razão.

Entretanto, na maioria das vezes, é de uma realidade muito íntima, ou muito cotidiana, que os textos de Clarice nos falam. O que teria levado o crítico Antônio Candido a criar uma categoria especial para inserir os textos da autora, por ele denominado “romance de aproximação”. Um texto ontológico foi escrito por Antônio Candido em 1944, ano em que Clarice Lispector estreava seu primeiro romance intitulado *Perto do Coração Selvagem*, ele irá discorrer sobre a obra clariceana e compará-la a Oswald e Mario de Andrade – dois experimentalistas que teriam rompido com o “conformismo estilístico” (1970, p.125).

Segundo Gisélia Silva (2007), no campo literário, a introspecção clariceana permite a elaboração de uma narrativa que revoluciona e transcende o próprio tempo em que foi constituída, transformando seu autor num escritor capaz de construir obras literárias que estão sempre propondo novas interpretações e releituras. Esse caráter dinâmico da literatura enquanto uma arte que se expressa fundamentalmente por meio da palavra, reafirma sua potência de atualizar-se ao longo de décadas, eternizando alguns escritores, como é o caso de Clarice, na história da literatura.

Portanto, para esta autora o tradicional não caracteriza as suas obras. Dificilmente os elementos de sua narrativa estão estruturados numa sequência lógica. Os textos clariceanos estão sempre carregados de um forte teor introspectivo que se alimenta do sugestivo, das entrelinhas, do silêncio significativo. Ao final de cada trama, fica, em nós, um sabor interrogativo.

Ao estudar as personagens de Lispector (1974), vários pesquisadores como Neiva Pitta Kadota (1999) e Massaud Moisés (1979) concordam que a construção das personagens se realiza por meio da escritura; assim o conflito se desdobra no plano linguístico. Lispector (1974) aborda, entre outros aspectos, o sistema patriarcal que mascara a multiplicidade humana. A violência silenciosa do cotidiano empresta ao lar uma aparência de harmonia, a partir da postura cordata e sempre conciliadora da mulher. (Oliveira e Ribeiro, 2007, p. 239-259).

Freitas aponta no prefácio da coletânea *Laços de Família*, a pós-doutora em Literatura Comparada, Lúcia Helena, nos informa tratar-se de um conjunto de contos no qual as personagens, homens ou mulheres, unem-se por elos familiares, tanto de afeto quanto de aprisionamento.

Completa ainda a estudiosa:

Clarice fixa nesta obra uma camada específica da sensibilidade pequeno-burguesa figurada na tensão com as representações do poder, inconscientemente internalizadas e tornadas institucionais. Como no texto de quem escreve por lampejos, e sem a imediatez de uma literatura de compromisso social direto, tudo isso ali está posto com a sutileza do artífice que afirma e nega, oferecendo ao leitor um traço de machadiana obliquidade na forma de escolher e registrar os laços que acolhem e acozzam seus personagens. (p. 2).

No trabalho de Elódia Xavier, *Declínio do Patriarcado* (1998), a pesquisadora tece uma escrita em torno da autoria feminina apresentando características da representação da mulher que ora questiona o patriarcado, ora busca a liberdade e a independência longe do domínio da família tradicional.

Oliveira e Ribeiro apud Lucia Helena (1997, p. 109) citam que se encontra na narrativa de *Lispector* não só uma crítica das formas de articulação de poder no patriarcado, mas também uma crítica ao sujeito burguês, com seus símbolos fortemente internalizados:

A obra de *Lispector* – ao falar sobre a condição da mulher, e ao inscrevê-la como sujeito da estória e da história – não se limita a postura representacional de espelhar tal qual o mundo patriarcal e denunciá-lo, como se mergulhássemos nas águas de uma narrativa de extração neonaturalista. Nela se constrói, isto sim, um campo de meditação (e de mediação) em que se aprofunda o questionamento das relações entre literatura e a realidade.

Para fazer esta tessitura com a obra *Amor de Clarice*, representada pela personagem Ana, faço um resgate a posição feminina que por vezes tece uma costura de resistência, abrindo-se a invenção de uma mulher, e por outras, coloca o leitor em contato com discursos construídos no imaginário sobre o que é a mulher.

Espera-se da mulher moderna um ser doce, acometido e repreendido as quatro paredes do lar, suas ambições são reduzidas as ações tomadas no interior da casa, girando em torno do marido e dos filhos – este é seu reino absoluto, onde ao mesmo tempo a confere um poder único e especial, uma posição que, não ironicamente, dar-lhe um lugar, também pode confiná-la neste espaço.

Há novas maneiras de representar a mulher-mãe, ou seja, a mulher e a maternidade em narrativas da literatura contemporânea de autoria feminina. Por anos, foi-se construindo o olhar para a maternidade como uma posição irretocável, onde se abarca o lugar do divino, entretanto

a personagem Ana se posiciona tanto como coadjuvante quanto como protagonista da sua história. Ao passo que ao mesmo tempo que é tomada pela consciência de si também se vê descendo no ponto errado e indo para o Jardim Botânico, voltando para o lar.

Elóida Xavier relata que Clarice Lispector questiona, com muita ironia, este modelo familiar onde a mulher, condenada à imanência, fica reduzida ao espaço privado. O conto “Amor” tem todos os ingredientes de um típico conto lispectoriano.

Portanto Freitas afirma,

Em *Amor*, temos uma mulher – a autora – tecendo algumas reflexões sobre como outra mulher – Ana – pensa sua independência sem abandonar o espaço da família. Embora seja tomada por um desejo de vida, de deixar de mascar mecanicamente o chiclete cotidianamente em sua rotina de tarefas, a personagem principal conforma-se com o que a autora chamou de “destino de mulher”, ligada a uma suposta condição para o feminino. Mesmo após o momento epifânico vivido ao longo do dia, da metamorfose que experiência no Jardim Botânico, Ana anula-se em prol da permanência da instituição familiar.

## CONCEIÇÃO EVARISTO

A obra *Olhos d'água* de Conceição Evaristo é uma coletânea que abarca 15 contos, publicada em 2014. A marca da autora em sua literatura são suas reflexões acerca das questões de violências e submissões protagonizadas, em sua maioria, por mulheres negras interseccionado com as opressões de raça, classe e gênero que marcam, segundo Evaristo, uma “condição de mulher negra”.

Segundo Eduardo de Assis,

A poesia de Conceição Evaristo enfatiza a abordagem dos dilemas identitários dos afrodescendentes em busca de afirmação numa sociedade que os exclui e, ao mesmo tempo, camufla o preconceito de cor. A descrição da dor, do sofrimento negro e da sua desesperança faz-se de modo incisivo. (ASSIS, Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro>>).

A escrita dessas autoras, pouco figura no cânone da Literatura Brasileira, dando a sensação de que não existem, ou mesmo tendo sua visibilidade e singularidades esquecidas, a ponto de não reconhecer seu lugar para além de pertencer a outra raça que não a branca.

Bento (2002, p. 25), ao discorrer sobre a ideologia da branquitude/branqueamento, afirma que considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite [branca brasileira] faz uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social.

Se por um lado, a literatura canônica representava o negro por meio de uma estereotipagem, “reduzido a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadas” (HALL, 2016, p. 173), por outro, vemos em Evaristo (2016) a denúncia da violência contra o povo negro, em especial a mulher negra, mesmo que representada por uma estereotipagem reducionista que naturaliza e fixa o “diferente” (HALL, 2016).

Conceição Evaristo cunhou o termo "Escrevivência" como meio de ratificar narrativas subjetivas de autoras/es negras/os como função de recuperação de protagonismos próprios, o que concorre para o crescimento de um desenvolvimento de narrativas que dizem respeito a experiência coletiva de mulheres, ou seja, abre-se um espaço para construções de narrativas singulares, mas que apontam para uma coletividade.

Através da biografia da escritora, é possível perceber que a escrevivência se desenvolve a partir do próprio processo de constituição de Conceição Evaristo como autora. Sueli Liebig (2016, p. 6) percebe que "é através da 'escrevivência' dessas mulheres que ela reconstrói e renegocia sua identidade de mulher negra e pobre. Marcada por formas de dominação que incluem separações, deslocamentos e desmembramentos, ela constrói através da escrita estratégias de reversão da condição fragilizada da mulher negra e modos alternativos de redefinição de suas identidades".

A escrevivência marcadamente carrega, assim, uma dimensão ética ao propiciar que a autora assume o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um "nós" compartilhado. Além disso, autoras reconhecem que essa metodologia coloca em perspectiva a dicotomia entre sujeito de pesquisa/pesquisadora, ao transformar discursos sobre mulheres negras em narrativas em primeira pessoa (FERREIRA, 2013; VICTORINO, 2015, MATTOS e XAVIER, 2016).

Um marco na sua literatura foi em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas no décimo terceiro volume da série *Cadernos Negros*, pelo grupo *Quilombhoje*, de São Paulo. A autora se utiliza da literatura como meio para alcançar a representatividade da voz feminina negra que provoca a reflexão a respeito da importância de quem fala e em nome do que se fala. Assim denuncia uma realidade social, passando por um reconhecimento dos fatos pessoais e histórico-sociais, ressaltando um contexto de exclusão de grupos sociais minorizados, rompendo com o silenciamento de mulheres negras no campo literário.

Na introdução de *Olhos d'água*, a autora menciona:



A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos têm). Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? (EVARISTO, 2016, p. 13).

Segundo Côrtes há uma diferenciação entre a escrita de Clarice Lispector e Conceição Evaristo, principalmente no que tange aos dilemas, angústias e anseios de uma mulher marcada pelos valores patriarcais que permanece em suas narrativas e poemas, contudo, o olhar sobre esses sentimentos parte não mais da classe dominante, mas sim da experiência da subalternidade. Por isso, o conflito refletido na culpa de Lispector cede lugar a uma crítica mais engajada, inclusive, ao discurso da classe dominante em relação à subalternidade.

Ainda, conforme Evaristo (2009), os personagens negros presentes na literatura hegemônica comumente são representados de maneira estereotipada, destoando de valores e traços presentes nos demais personagens das narrativas em questão. São diversas as produções nacionais em que, por exemplo, os homens negros são descritos como medrosos, submissos, desprovidos de recursos intelectuais ou mesmo sem voz própria. As mulheres negras, ainda mais ocultas no universo literário, quando figuram nos textos, são apresentadas como mulheres interesseiras, malvadas, de sexualidade perigosa, entre outros atributos de valorização negativa.

No conto que irei analisar, intitulado Ana Davenga, pertence a coletânea *Cadernos Negros*, presente no livro *Olhos d'água*, publicado em 2016. A obra engloba quinze contos, nos quais circulam pelo tema das narrativas afro-brasileira e suas dificuldades numa sociedade racista e excludente.

O conto retrata a vida de Ana Davenga com suas dificuldades e sua angústia por ser casada com o chefe do tráfico do morro. Ana ao longo do conto é retratada como uma mulher sensual e que chama a atenção do chefe do morro numa roda de samba. O chefe da roda vê em Ana o retrato de sua mãe e características que o remetem a sua infância. A partir dessa percepção, o chefe deseja que Ana seja sua. Ana sente uma necessidade de viver aquilo, por isso aceita o nome de Davenga e corre os riscos daquela vida e de tudo que lhe traria.

O conto se inicia no seu aniversário e se encerra com todos os convidados indo embora de sua primeira festa de aniversário, o casal é surpreendido com a chegada da polícia, Ana é metralhada enquanto protegia com as mãos o filho que era narrado no conto: “um sonho de vida que ela trazia na barriga” (EVARISTO, 2016, p. 30).

Esses personagens, marcadamente desumanizados, expressam o que o poeta Cuti (1985) aponta sobre a criação literária, ao afirmar que "a literatura tem o poder de injetar em várias gerações a seiva de suas conquistas, ou o teor de suas misérias". Nesse mesmo sentido, Bispo

e Lopes (2018) sinaliza os privilégios concretos e simbólicos de que gozam as pessoas brancas ao terem 80% dos personagens da literatura brasileira representados como brancos.

## **ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS**

Percebemos no conto, a personagem Ana, circulando gradualmente entre seus papéis no âmbito doméstico e uma noção mais ampla da sua existência. Em cenas em que se deparam com elementos externos da natureza, há o conflito interno propiciado pela noção mais ampla da vida e da morte, fazendo com que elas se separem momentaneamente das amarras de suas condições sociais.

Fugindo de suas amarras sociais, Ana vivencia momentos de epifania que a faz se deparar com revelações internas, mudando radicalmente o percurso que estivera traçando até então.

Deste modo algumas qualidades atribuídas a mulher como “frágil”, “sensibilidade”, “bondade” são definidas como marca de uma identidade feminina, formando uma percepção totalizante e essencialista sobre o ser mulher.

Para fazer esta tessitura com a obra *Amor de Clarice*, representada pela personagem Ana, faço um resgate a posição feminina que por vezes tece uma costura de resistência, abrindo-se a invenção de uma mulher, e por outras, coloca o leitor em contato com discursos construídos no imaginário sobre o que é a mulher.

Espera-se da mulher moderna um ser doce, acometido e repreendido as quatro paredes do lar, suas ambições são reduzidas as ações tomadas no interior da casa, girando em torno do marido e dos filhos – este é seu reino absoluto, onde ao mesmo tempo a confere um poder único e especial, uma posição que, não ironicamente, dar-lhe um lugar, também pode confiná-la neste espaço.

A condição do amor materno alicerça as ações tomadas pela mulher no interior da casa, conferindo-a como insubstituível na sua posição de administradora do lar e educadora dos filhos, não podendo ir contra estes preceitos por pena de ser severamente punida. E para que isto ocorra, deixar-lhe-á seus desejos e anseios internos, esquecidos e bem guardados.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. (LF; p. 18)

Há novas maneiras de representar a mulher-mãe, ou seja, a mulher e a maternidade em narrativas da literatura contemporânea de autoria feminina. Por anos, foi-se construindo o olhar



para a maternidade como uma posição irretocável, onde se abarca o lugar do divino, entretanto a personagem Ana se posiciona tanto como coadjuvante quanto como protagonista da sua história. Ao passo que ao mesmo tempo que é tomada pela consciência de si também se vê descendo no ponto errado e indo para o Jardim Botânico, voltando para o lar.

Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovos... (LF; p. 22)

Enfim, pôde localizar-se. Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do Jardim Botânico. (LF; p. 23)

Benedito Nunes nos chama atenção da volta ao estado de “latência” que o final do conto apresenta: “O desfecho de “Amor” deixa-nos entrever que o conflito apenas se apaziguou, voltando a latência de onde emergia (NUNES apud Silva, 1995, p. 86).

Bloqueada em termos de iniciativa e de decisões pelas autoridades masculinas, cabe às mulheres o mundo restrito, porém trabalhoso, do lar. Elas se entregam aos afazeres do cotidiano – o marido, os filhos, a casa – tornando-se o preenchedor de seus horizontes e de redução de sua humanidade, circunscrita a um único espaço – monótono e alienante.

O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. (LF; p. 18).

Quando Ana vê o cego mascando chicletes, é orgânico e incontrolável a piedade que a toma. Uma piedade que repudia a falta de piedade em que vive no dia a dia, como se não houvesse cegos que mascam chicletes, como se não houvesse a matéria bruta da vida a desafiar a estreiteza de nossa humanidade. Nesse conto, o cego é um mediador entre o cotidiano e a aventura de descoberta. Ao estranho/infamiliar e ao familiar.

Ana Davenga é retratada antes do casamento, em uma roda de samba, dançando e se portando de maneira sensual e esses movimentos chamaram atenção de Davenga. Ela, inicialmente, não percebera os olhares vindos do seu futuro marido. Neste instante, o chefe do tráfico a olhou como quem lembrasse de mulheres importantes da sua família e assim passou a desejá-la como sua mulher.

Aceitando adotar o nome de Davenga, passou a morar no barraco do traficante, cumprindo seu papel de mulher. Percebe-se então que assim como Ana no conto Amor, Ana

Davenga também nos lança a ideia de uma superioridade masculina, vimos que Davenga era obrigada a adotar o nome, sobrenome do marido, além de assumir o papel de mulher e estar disponível aos prazeres eróticos do marido, enquanto este se colocava como quem sustenta o lar.

Segundo Souza (2017),

É possível perceber que as personagens estão inseridas em espaços diferentes, Ana Davenga mora em um barraco numa favela e vive sob a tensão que os perigos que a vida de mulher do chefe do tráfico a traz. Já Ana, do conto *Amor*, possui uma vida mais tranquila, ocupada com as compras de casa e em harmonia com os filhos e marido, mesmo não se sentindo feliz e ainda carregando as consequências daquela vida que plantara, pois não possui tempo para pensar em si mesma. Desse modo, possuem formas de submissão depois do casamento, mesmo quando se trata de escolhas que partiram de decisões mais cômodas para cada uma das personagens.

Ana Davenga era “cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles” (EVARISTO, 2016, p.22), o marido de Ana mais uma vez deixava claro que a sua voz era silenciada e colocava entre todos os pontos que nenhum homem mais poderia desejar-la. Sendo marcado por ele como “sua” mulher.

Ana sabia o que estaria sendo submetida ao estar ao lado de Davenga, mas não conseguia se desvencilhar, sentia uma necessidade de viver ao seu lado e construir uma família junto a ele. Na realidade, a sua condição não lhe permitiria ter outras escolhas e sua vida seria marcada de tensão e rodeada por medo e violência. Era a sua condição de ser mulher.

A análise feita das personagens Ana, do conto *Amor* e Ana Davenga, analisamos que ambas foram marcadas por caminhos ligados às leis do patriarcado. Ao passo que mesmo que dispo de poder de escolha antes do casamento, como no caso de Ana Davenga, ou no de Ana, do conto *Amor*, que se viu numa infelicidade pelos caminhos que estava levando sua vida, ainda assim se viram obrigadas a traçar escolhas e caminhos que a submeteram sobre os olhares severos de uma supremacia masculina.

A organização é feita de macho e fêmea, masculino e feminino. É uma ideia de representação ampla do masculino e do feminino, a partir do corpo. Masculino é a atividade, conquista, racionalidade, foco, atenção, coragem e que são os atributos do herói antigo, clássico. E a fêmea é o amor, prole, cuidado, sexto sentido, comunicação sem palavras, intuitiva, mas a mulher está fora do espaço privado.

A partir do momento que se quebra um pensamento dualista, constrói-se um campo complexo, que é onde estamos. E dentro disso, sabemos da liberdade que temos, mas não podemos excluir dois fatores: o corpo e a história.

As nossas identificações e o que nos torna o que somos e que vai de encontro com algo mais macro, que é uma construção binária. E buscar sair dessa dualidade é ir de encontro com a criação e a possibilidade de nos criarmos e construirmos para além dos conceitos de masculino e feminino.

A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista. A própria noção de “corpo”, não como uma superfície pronta a espera de significação, mas como um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas. Portanto, pensemos a possibilidade de refletir as possibilidades de subverter e deslocar as posições naturalizadas de gênero que dão suporte a hegemonia masculina e ao poder heterossexista, problematizando o gênero para que este não mais ocupe o lugar de ilusões fundadoras da identidade. (BUTLER, 2016, p. 70).

Ana Davenga que tivera o fim de sua trajetória violentamente encerrada por ter escolhido se relacionar com o chefe do tráfico, enquanto Ana, do conto Amor, se viu como caminho voltar a sua rotina fechada e infeliz, Vidas que foram marcadas por um ciclo repetido de submissões.

Ciclo este que nos faz pensar a importância da representação feminina para marcar como despertar a consciência crítica de como esses valores patriarcais são internamente impostos e institucionalizados, chegando ao ponto destas mulheres permanecem neste ciclo alienante e repetitivo, marca que as fazem reproduzir enquanto uma identidade e personalidade feminina.

Um dos caminhos possíveis para a desconstrução da violência enquanto uma das marcas identitárias do ser homem é compreender que a violência enquanto ação e recurso de poder e dominação, compromete de forma destrutiva as relações entre os seres humanos, independentemente de ser homem ou mulher.

É a promoção de estudos que busquem compreender as conexões entre modelos de gênero e violência que auxiliará a refletir sobre certos papéis masculinos que produzem violência tanto para homens quanto mulheres.

O processo de construção do ser homem ou mulher remete ao exercício da busca pela (re) produção da imagem socialmente construída acerca do masculino e do feminino, o que finda por conformar para cada sujeito, suas masculinidades ou feminilidades efetivas.

Masculinidade e feminilidade são sempre, portanto, plurais: não há um só modo de ser homem ou mulher, ainda que possa existir uma forma idealizada de referência e que constitui um modelo, uma referência dominante. Estar mais próximo ou mais distante, convergir ou afastar-se dessa referência dominante, será sempre importante e trará repercussões para o viver cotidiano de homens e mulheres.

Isso porque o modelo dominante é o que está sendo, em determinado momento, o mais valorizado para a sociedade ou grupo social em questão, mesmo que nem seja o que mais aconteça.

Por isso a escrita de Clarice Lispector e Conceição Evaristo, são de extrema importância para que realizemos uma nova construção desta “condição de ser mulher” que está enraizada na cultura e nos olhares sociais, abrindo portas para novos valores onde a inferioridade feminina seja substituída por campos de luta e respeito, oportunidades e prestígio no mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida S. (2002) **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: Carone, Iray. *Psicologia Social do Racismo*. p. 25-58. Rio de Janeiro: Vozes.

UTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, A. **No raiar de Clarice Lispector**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas cidades, 1977.

DUARTE, Eduardo Assis (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas:2016.

EVARISTO, Conceição. (2009). **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*. v.13, n.25, p. 17-31

FREITAS, Alanna da Silva de. **Representação do amor romântico no conto *Amor***, de Clarice Lispector In Anais IX Encontro Estadual de história – história e movimentos sociais, Bahia, 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HELENA, L. **Nem musa nem medusa**: itinerários da escrita de Clarice Lispector. Niterói; EDUFF, 1997.

JOB, S M. Cânone, feminismo, literatura: relações e implicações. **Revista eletrônica Falas Breves, Literatura & Sociedade**, v. 2, fev/2015

LIEBIG, Sueli M. (2016) "Escrevivências": Evaristo e a subversão de gênero em Insubmissas lágrimas de mulheres. Anais **XII CONAGES - Colóquio Nacional Representação de Gêneros e de Sexualidades**. Acessado em Fevereiro/2018, de: [https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO\\_EV053\\_MD1\\_SA6\\_ID\\_571\\_30042016200422.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA6_ID_571_30042016200422.pdf) [ Links ]

LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

MATTOS, Amana e XAVIER, Giovana. (2016) Activist research and the production of non-hegemonic knowledges: **challenges for intersectional feminism**. *Feminist Theory*. v. 17, n.2,

p. 239-245, 2016. Acessado em Fevereiro/2018, de <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464700116645880?journalCode=ftya>. [ [Links](#) ]

MACHADO, L. Z. Feminismo, Academia e Interdisciplinariedade. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, M. C. (Orgs.). **Uma questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992. P. 24-38.

NUNES, B. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

OLIVEIRA, D; RIBEIRO, M. Personagens de Clarice Lispector e práticas sociais: a condição do ser em seu cotidiano, em contos da obra *Laços de Família*. In: **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. ISSN 1981 - 9943 Blumenau, v. 1, n. 3, p. 239 - 259, set./dez. 2007

SILVA, Gisélia Mendes da. O lugar do silêncio na rotina da mulher em “Amor”, de Clarice Lispector. In **Anais do XII Seminário Nacional e II Seminário Internacional Mulher e Literatura**. Ilhéus: UESC, 2007. p. 1-5.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado - a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. In BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

*Recebido em: 30/11/2023*

*Aprovado em: 18/12/2023*

*Publicado em: 09/04/2024*



10.29281/r.decifrar.2023.3a\_2